

ESCOLHA DAS PROVAS

Sobre a escolha das provas, amigos vários falavam conosco. Diante de certas provas, aflitivas e terríveis, seria o próprio espírito quem as pediria, antes de tomar o corpo terrestre? A pergunta, formulada por um simpatizante da Doutrina Espírita, provocou muitos comentários. No momento mais aceso da nossa conversação fomos convidados à prece em conjunto.

Consultado, O Livro dos Espíritos deu-nos a questão 259 para estudo, seguindo-se explanações rápidas e expressivas. Ao término da reunião, foi o nosso estimado Cornélio Pires quem nos trouxe a palavra do mundo espiritual.

ASSUNTO DE ACEITAÇÃO

Cornélio Pires

“Se pedimos nossas provas,
— Diz você, Joaquim Paixão —
Como é que se vê do Além
O assunto da aceitação?”

“Se há tanta gente na fuga
Do respeito a compromisso,
Diga, Cornélio, o que há,
Como posso entender isso?”

Compreendo, caro irmão,
Seus raciocínios extremos.
No entanto, saiba! . . . Nós mesmos
Pedimos o que sofremos.

Nos fatos da delinquência
É que a coisa se complica:
Reparação do infrator
É a pena que se lhe aplica.

Sem essa exceção na regra,
Na verdade vista, a fundo,
Rogamos, antes do berço,
As nossas lições no mundo.

Ao fim de cada existência,
Em conta particular,
O espirito reconhece
Os débitos a pagar.

A gente anota com susto
Quantas faltas ao dever;
Quanto votos a cumprir,
Quanto trabalho a fazer!

Analisando a nós mesmos,
Em claro e justo juízo,
Pede-se a Deus corpo novo
Para o que seja preciso.

Aparece a concessão.
Eis que a pessoa renasce;
Por dentro, as tendências velhas
Sob a luz de nova face...

Aí, começam problemas...
Encontra-se a obrigação.
Entretanto, é muita gente
Nas ondas da deserção.

Se você quer aprender,
Segundo o Reto Pensar,
São muitos os casos tristes
Que podemos lembrar.

Você recorda o Nhô Cássio?
Pedi cegueira comprida:
Ao ver-se na provação,
Matou-se com formicida.

Aninha rogou viver
Com dois filhos mutilados;
Ao ter dois gêmeos em luta
Fez dois anjos enjeitados.

Rogou fraqueza no corpo
Nhô Nico Bartolomeu;
Sentindo-se desprezado,
Revoltou-se e enloqueceu.

Anita pediu o encargo
De proteger João de Tina;
Ao vê-lo pobre e doente,
Largou-se na cocaína.

Na penúria que pedira
Nosso amigo João Vilaça,
Em vez de buscar serviço,
Atolou-se na cachaça.

Pedi nervos relaxados
Nhô Sizinio Rapadura;
Ao ver-se em corpo imperfeito,
Jogou-se de grande altura.

Léo rogou prisão no leito
E, tendo paralisia,
Atirou-se na descrença
E acabou na rebeldia.

Joana pediu procissões,
Corpo enfermo e vida em brasa,
Quando entrou na provação,
Desprezou a própria casa.

É isso aí. . . Paciência
Não vive conosco em vão. . .
Quem se aceita, espera e serve,
Melhora de condição.

De tudo, aparece um ensino
Que não se deve olvidar:
Dor de quem não se conforma
Tende sempre a piorar.

PELA PAZ INTERIOR

Caminhávamos para o nosso encontro espiritual, em companhia de diversos confrades, comentando as atitudes aparentemente inexpressivas (mas muito importantes para a nossa tranqüilidade e segurança) que somos quase forçados a tomar, no cotidiano, para garantir a nossa paz interior. Companheiros falavam de pequeninos gestos de irritação que se degeneram na via pública em grandes conflitos. Outros falavam de incompreensões julgadas quase imperceptíveis que se transformam em dolorosos dramas domésticos e sociais.

Logo após, reunidos em prece, O Evangelho Segundo o Espiritismo nos deu a estudo o item 7 do seu capítulo X. Alguns irmãos destacaram a oportunidade do tema. E, ao término da reunião, foi o nosso amigo André Luiz quem compareceu, relacionando tópicos de paz e segurança para a nossa vida diária.